

CAVALINHO-DE-JUDEU, DONZELINHA, JACINTA E LAVA-BUNDA: VARIAÇÃO LEXICAL PARA O INSETO TÍPICO DE ÁREAS ALAGADIÇAS

Thiago Leonardo Ribeiro (UEL)
thiagoleonardoribeiro@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, de natureza léxico-semântica, procedemos à descrição, análise e cartografia dos dados obtidos mediante as respostas dadas por 24 informantes, distribuídos por seis cidades que compõem a Rota do Café no Norte do Estado do Paraná, Ribeirão Claro, Cambará, Santa Mariana, Uraí, Londrina e Rolândia. A questão analisada é a de nº 24 do questionário elaborado para a verificação do léxico nessa região (RIBEIRO, 2017), cujo enunciado é “como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?”. Trata-se do inseto que, nos dicionários, em sua forma de prestígio, é apresentado como libélula. Caracterizado por sua leveza e rapidez, em voos rasantes à beira dos rios, lagos e poças de água limpa, alimenta-se de outros insetos e organismos. Na cultura japonesa, representa alegria e renascimento, enquanto, na Europa, já foi considerado símbolo de azar. Este estudo fundamenta-se nos princípios teórico-metodológicos da geossociolinguística (junção das metodologias de pesquisa da Geolinguística e da Sociolinguística) e, neste recorte, apresentamos o registro e estudo das variantes lexicais, considerando as dimensões diatópica, diasssexual e diageracional, portanto, numa perspectiva pluridimensional, conforme Thun (2005). Assim, diante de diferentes formas para nomear o mesmo referente e para retratar a identidade linguística local, torna-se relevante inventariar o léxico constituído pelos povos colonizadores da região, atraídos pelo cultivo do café, desde o final do século XIX, num fluxo migratório de brasileiros, mas também de imigrantes europeus e asiáticos que se deslocaram em busca de melhores condições de vida.

Palavras-chave:

Geossociolinguística. Libélula. Norte do Paraná. Variação lexical.

1. Introdução

Por qual nome você conhece o inseto alado, de corpo comprido e fino, muito rápido em seus voos acrobáticos, que vive às margens de rios e lagos e aparecem até quando estamos lavando o quintal?

Seguindo as elucubrações de Sapir (1980, p. 165), “(...) a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama de nossas vidas”, impossível estudar uma língua/linguagem, sem levar em consideração toda a diversidade a ela inerente, devido a fatores linguísticos e extralinguísticos, uma vez que toda língua, no caso o português do Brasil, é constituída da miscigenação de várias etnias, de várias culturas.

Com a expansão do cultivo do café, que tanto contribuiu para a efetiva formação e desenvolvimento socioeconômico e cultural da região Norte do Paraná, verificamos o surgimento de muitos municípios compostos por migrantes internos (como os mineiros e paulistas) e imigrantes de diversas regiões do mundo (como os europeus e asiáticos), que resultou na singular especificidade cultural da região.

Assim, motivados pela variação linguística, objeto teórico da Dialeto-
logia e da Sociolinguística, e albergados pelo princípio da diversidade linguística, apresentamos parte do resultado da pesquisa geossociolinguística empreendida com o escopo de inventariar a herança lexical deixada pelos colonizadores de cidades que compõem a *Rota do Café*, realizando o registro e estudo dos nomes atribuídos ao inseto de asas longas e nervuradas, que se alimenta de insetos e outros organismos, sendo importante para o equilíbrio do ecossistema e combate à dengue.

2. Arrazoado teórico

Com base em princípios da Dialeto-
logia, da Geografia Linguística, da Lexicologia e da Sociolinguística, principalmente em Coseriu (1987), Tarallo (1999) e Thun (2005), pesquisadores da variação linguística, o estudo se insere numa perspectiva pluridimensional, uma vez que tratamos da perspectiva diatópica, diasssexual e diageracional. Estruturamos o instrumento de coleta de dados com perguntas envolvendo vários campos semânticos com a finalidade de inventariar parte da variação lexical estabelecida com a vinda dos colonizadores dessas cidades investigadas e registrar os itens lexicais obtidos.

Sobre a importância do registro do léxico regional em obras lexicográficas e atlas, Isquierdo (2012, p. 124) destaca que é uma “forma de perenização de determinadas formas que foram representativas de um momento da história da língua e da cultura de um povo e que são substituídas por outras no decurso dessa história”.

Romano e Aguilera (2009, p. 157) ressaltam, dentre outras considerações relevantes para os estudos de natureza geolinguística e lexicológica, a importância dos estudos geolinguísticos como fonte segura para os lexicógrafos.

Quanto ao levantamento de dados semântico-lexicais, Aguilera e Altino (2012) sustentam que

permite organizar a apresentação do universo vocabular para as respostas obtidas às questões, segundo alguns critérios, como: arcaísmos, brasileirismos,

criações neológicas, variações no âmbito da diatopia, dialetismos, formação dos vocábulos, africanismos, vestígios das línguas indígenas; coletados nas entrevistas e que poderão ser apresentados nas cartas semântico-lexicais (AGUILERA; ALTINO, 2012, p. 879).

Conforme Biderman (2001, p. 13), a criação do léxico se dá por “atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Além disso, compreende a autora que o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história (BIDERMAN, 1987, p. 81).

Na perspectiva de Marcuschi (2004, p. 270), o léxico é o terceiro grande pilar da língua, junto à sintaxe e fonologia, embora seja o nível da realização linguística mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável.

Um referente pode ser nomeado de diferentes formas segundo os usos e costumes do grupo linguístico em que está sendo usado. Embora falemos a mesma língua, algumas características distinguem a fala de determinado grupo social da fala de outro. Neste aspecto, é a Sociolinguística, “área da Linguística, que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” que pode fornecer o instrumental necessário para elucidar os diversos aspectos da diversidade linguística que caracteriza os falantes desse grupo social.

Nesse sentido, com o objetivo de investigar os fenômenos linguísticos ligados ao uso do português no Brasil, a Sociolinguística e a Dialectologia vêm explorando os estudos variacionais. Definimos variação linguística de acordo com Coelho *et al* (2015, p. 16) como “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”.

Afirmamos em trabalho publicado a respeito da variação linguística, que:

A língua, por ser heterogênea, manifesta-se de modo variável dentro da mesma comunidade de fala, pois pessoas, com características diferentes, expressam-se de maneiras diferentes. Essas variações podem ocorrer em todos os níveis da fala (fonético-fonológico, sintático, morfológico, lexical) e são decorrentes de vários fatores sociais como a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais do falante (PINTO; RIBEIRO, 2016, p. 1572).

Acrescentamos, ainda, que o termo *variantes* diz respeito às muitas formas de nomear a mesma coisa, enquanto *variável* é o conjunto de variantes.

3. Metodologia

Para a pesquisa geossociolinguística, empreendemos investigação em seis cidades no Norte do Paraná: Ribeirão Claro, Cambará, Santa Mariana, Uraí, Londrina e Rolândia, componentes da *Rota do Café*, projeto de turismo lançado em 2009 e ainda em desenvolvimento pelo SEBRAE/PR. Esse empreendimento proporciona aos visitantes uma oportunidade de voltar às origens, conhecendo a história e vivenciando os atrativos naturais e culturais do norte do Paraná, com roteiros elaborados de acordo com o perfil e a necessidade de cada um, com visitas às fazendas históricas, centros culturais, restaurantes rurais e lugares pitorescos.

Para procedermos à coleta de dados, selecionamos 24 informantes em nossa rede de pontos, distribuídos em duas faixas etárias, de 30 a 50 anos e de 60 a 80 anos, de ambos os sexos, com pouca escolaridade. Foi necessário elaborar um questionário, instrumento de coleta de dados, cujas perguntas levariam à constituição do *corpus* pretendido.

Serviram de base os questionários do *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*¹ (2001), do *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR* (AGUILERA, 1994) e o *Glossário da fala popular rural paranaense*, dissertação de mestrado de Rodrigues (2000). Acrescentamos imagens às questões para auxiliar o informante a recuperar na memória os diversos nomes que o referente pudesse evocar.

Concluído o trabalho de campo, seguimos com a transcrição dos dados, a busca pela dicionarização das variantes coletadas, as análises diatópica, diasssexual e diageracional, e a cartografação com o auxílio do [[JGVCLin] – *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*, de Seabra, Romano e Oliveira (2014)².

4. Análise

A questão nº 24 do questionário equivale à 85 do QSL do ALiB e está situada no campo semântico “TERRA / Fauna: aves, pássaros, animais, etc.” com o enunciado: “Como se chama o inseto de corpo comprido e fino,

¹ Mais informações no site *Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*, Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>.

² Mais informações sobre o funcionamento do software podem ser encontradas em: <<http://sgvclin.altervista.org/>>.

com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?”. Acompanha a questão a imagem que segue:

Figura 1 – Ilustração libélula



Fonte: contosdetodomundo.blogspot.com.br

Considerando que alguns informantes deram mais de uma resposta, observamos a ocorrência de *lava-bunda*, *helicóptero*, *libélula*, *bate-bunda*, *pito*, *besourinho d'água*, *maria-comprida*, *maria-fina* e *tesourinha* para a questão.

Por curiosidade, em Aguilera (2010, p. 299-300) apuramos as variantes por região: **Norte:** *jacinta*, *libélula*, *cavalo-do-cão*, *helicóptero* e *cigarra*, *cavalo-d'água*, *mariposa*, *pichiringa*, *besouro* e *lavadeira*; **Nordeste:** *ziguezigue*, *libélula*, *catirina*, *patiringa* e *catiringa*, *mané-magro* e *lava-cu*, *macaquicho* e *cavalinho*; *cavalo-do-cão*, *capim-cheiroso*, *cachimbal*, *cabra-cega* e *gafanhoto*; **Centro-Oeste:** *helicóptero*, *lava-bunda*, *assa-peixe*, *olho-de-peixe* e *bate-bunda*, *libélula*, *hapax legomena: mosquito-d'água*, *mãe-de-peixe*, *lava-zoio* e *quebra-luz*; **Sudeste:** *libélula*, *lavadeira*, *lava-bunda*, *cigarra* e *louva-a-deus*, *hapax legómena: mariposa*, *gafanhoto*, *maria-d'água*, *mãe d'água*, *helicóptero* e *matachim*; **Sul:** *libélula*, *cigarra*, *helicóptero*, *besouro*, *lava-bunda*.

Em nossa pesquisa, obtivemos as variantes: *lava-bunda*, *libélula*, *maria fina*, *helicóptero*, *libélula*, *besourinho d'água*, *maria comprida*, *pito*, *bate-bunda*.

Verificando as lexias nos dicionários Aurélio (2010) e Houaiss (2009), localizamos *lava-bunda*, em ambos, como sinônimo de *libélula*.

Quanto ao item *helicóptero*, somente o encontramos com o mesmo sentido de *libélula* em Houaiss (2009).

Ferreira (2010) informa que *libélula* é proveniente do francês *libellule* < latim científico *libellula* < latim clássico *libella*, 'nível', por alusão ao

voos planados deste inseto; e a define como gênero de insetos odonatos, de corpo estreito, dotados de dois pares de asas membranosas, transparentes, em geral brilhantemente coloridas, cujas larvas, carnívoras e voracíssimas, se desenvolvem nas águas correntes, nas estagnadas, ou mesmo no interior de bromeliáceas. Conforme Silva (2002), em *A vida íntima das palavras*:

LIBÉLULA: do latim *libelula*, diminutivo de *libella*, nível. Designou-se assim a borboleta porque paira no ar, mas outros pesquisadores afirmam que outra palavra latina serviu-lhe de origem. Teria sido *libellulu*, diminutivo de *libru*, livro, dado que as asas do inseto dão a imagem das folhas de um livro. Metáfora por metáfora, mais belas são as de Cecília Meireles em sua *Obra poética*: “libélulas valsavam com seus vestidos de gaze e seus adereços de ametista” (SILVA, 2002, p. 286-287).

Já a forma *pito*, no sentido de *libélula*, figura nos dois dicionários compulsados. Houaiss (2009) dentre outras acepções faz menção a cigarro (‘rolo de tabaco’), podendo vir daí a utilização de *pito* para nomear o inseto que é estreito como um cigarro.

Tesourinha, outro item lexical dado como resposta, consta do Aurélio (2010) e do Houaiss (2009) como pequena tesoura para unhas, espécie de ave e, ainda, remetendo a *lacrainha*, não faz menção ao inseto em discussão.

Encontramos *bate-bunda* no dicionário Houaiss de 2002, e não mais na versão de 2009, entretanto não na acepção de *libélula*.

As formas *besourinho-d’água*, *maria-comprida* e *maria-fina* não foram encontradas nas obras lexicográficas citadas.

Em trabalho publicado por Aguilera (2010), motivado pela pluralidade de denominações populares para a *libélula*, com base nas respostas coletadas pelo Projeto ALiB, junto a 200 informantes naturais de 25 capitais brasileiras, verificamos existir no Brasil

(...) cerca de 1.200 espécies de um total de 5.000 existentes no mundo. Predadora de insetos, inclusive o *Aedes aegypti*, até pequenos peixes. Em um único dia pode consumir outros insetos voadores até 14% do seu próprio peso (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Libelinha>). (AGUILERA, 2010, p. 295)

A autora apresenta os nomes que o inseto recebe em outros países:

A libélula é *libelinha* no português de Portugal, *demoiselle* (senhorita) em francês, *caballo* ou *caballito del diablo*, no Novo México e Colorado, e *dragonfly*, em inglês, isto é, as duas primeiras formas conotam carinho e delicadeza, dados pelo diminutivo, as terceiras traduzem uma forma tabuizada com carga semântica disfórica, amenizada em *caballito*, pelo sufixo diminutivo, e a quarta, *dragonfly*, mais agressiva e ameaçadora pela conjunção de um elemento mítico (o dragão) com o ato de voar (AGUILERA, 2010, p. 301).

Em estudo sobre as variantes populares para a *libélula*, a pesquisadora chegou às seguintes conclusões:

- (i) é bastante produtiva a criação lexical em torno do nome atribuído a este inseto;
- (ii) a criação lexical baseia-se preferencialmente em nomes compostos que possam diferenciar o referente, ora denominado, dos dois outros nomes que o inspiraram;
- (iii) a maioria dos nomes ainda não está dicionarizada embora seja frequente na fala regional ou local. Das trinta denominações, apenas seis constam de Ferreira e de Caldas Aulete. Ao contrário do que consta de Ferreira, como sinônimos para *libélula*, não foram registradas na fala dos informantes das vinte e cinco capitais: *cambito*, *canzil*, *cavalinho-de-judeu*, *cavalinho-do-diabo*, *cavalo-de-judeu*, *cavalo-judeu*, *donzelinha*, *jacina*, *lavadeira*, *libelinha*, *odonata* e *pito*;
- (iv) na ausência ou no desconhecimento de um nome científico ou padrão para este inseto, o falante atribui nomes criados sob as mais diversas motivações: aspecto físico, função, associações mentais/analogias com outros semelhantes, o que leva a signos transparentes (AGUILERA, 2010, p. 306-7).

Examinando o banco de dados do ALiB, verificamos nos pontos investigados no interior do Paraná³ as seguintes respostas para a questão 85 do QSL: *lava-bunda*, *pica-fumo*, *lava-cu*, *cigarra*, *aviãozinho*, *mutuca*, *ciganinha*, *palito*, *lava-lava*, *helicóptero*, *cu d'água*, *tesourinha*, *lavadeira*, e suas variantes fonéticas, confirmando a existência das formas que angariamos.

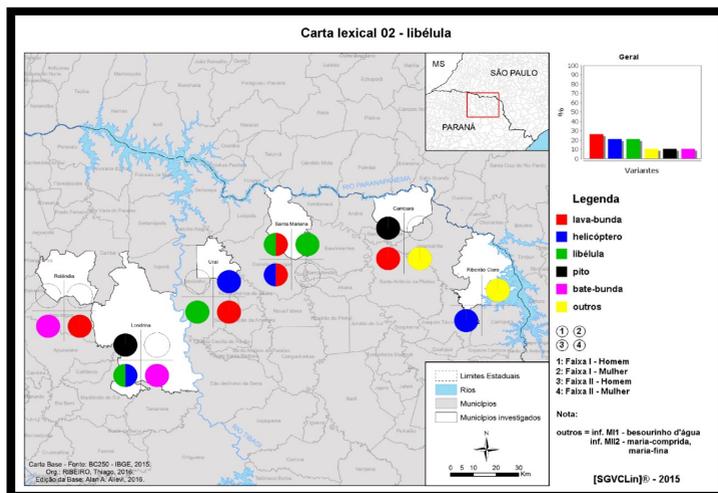
Inserindo os dados obtidos com a pesquisa *in loco* no [JGVCLin] – *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*, de Seabra, Romano e Oliveira, elaboramos uma carta linguística com a distribuição dos nomes para o referente em pauta por sexo e faixa etária em cada localidade. Para tanto, desconsideramos as primeiras respostas fornecidas pelos informantes HII⁴, MII² e MII⁵ (*não lembra*), e as duas respostas da MII³ (*não lembra* e *tesourinha*) por não a entendermos como variante do referente em estudo; tratamos como *outros* as designações *besourinho d'água*, *maria-com-*

³ Nova Londrina (207), Londrina (208), Terra Boa (209), Umuarama (210), Tomazina (211), Campo Mourão (212), Candido de Abreu (213), Piraí do Sul (214), Toledo (215), Adrianópolis (216), São Miguel do Iguçu (217), Imbituva (218), Guarapuava (219), Morretes (221), Lapa (222), Barracão (223).

⁴ A letra diz respeito ao sexo masculino (H) ou feminino (M); o numeral romano é relativo à primeira faixa etária (I – de 30 a 50 anos) e à segunda faixa etária (II – de 60 a 80 anos); o numeral arábico é referente ao ponto linguístico (1.Ribeirão Claro, 2.Cambará, 3.Santa Mariana, 4.Uraí, 5.Londrina, 6.Rolândia).

prida e maria-fina por ocorrerem uma vez; e registramos as abstenções de HI1, MII1, MI2, MII3, HI4, MI5, HI6, MI6, resultando em oito não-respostas.

Figura 2 – Carta linguística para a questão 24 – libélula



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Reproduzindo em porcentagens os dados levantados com relação ao sexo, contabilizamos na fala masculina três respostas com o item lexical *helicóptero* (25%), três respostas com a forma *libélula* (25%), e três com *lava-bunda* (25%); duas ocorrências para *pito* (16,67%) e um registro para *bate-bunda* (8,33%). As mulheres registraram a forma *lava-bunda* em duas respostas (25%) e as designações *maria-fina*, *maria comprida*, *besourinho d'água*, *helicóptero*, *bate-bunda* e *libélula* com uma ocorrência cada, figurando como *hapax legomena*, perfazendo 12,5% dos dados obtidos com o grupo feminino cada resposta.

Verificamos que a variante *lava-bunda* teve relevo na fala das mulheres, enquanto *helicóptero*, *libélula* e *lava-bunda* foram destaque na fala dos homens. Os registros *maria-fina*, *maria comprida* e *besourinho d'água* apenas figuraram na fala de informante mulher, assim como, a forma *pito* só foi proferida por informante homem.

No cômputo geral dos dados por idade, as formas *pito* e *libélula* foram mais produtivas na fala de dois informantes da faixa I (28,57% cada), seguidas de *besourinho*, *helicóptero* e *lava-bunda* com uma ocorrência na fala do grupo I cada (14,29%). Quanto ao segundo grupo etário, registramos na fala

dos informantes a variante *lava-bunda* como mais frequente, ocorrendo quatro vezes (30,77%); *helicóptero* figurou em três respostas (23,08%); *bate-bunda* e *libélula* em duas respostas cada (15,38%), e as designações *maria fina* e *maria comprida* com uma ocorrência cada (7,69%).

Cotejando a produtividade das designações por faixa etária, verificamos que os itens *lava-bunda* e *helicóptero* se destacam na faixa II; *pito* e *besourinho d'água* (outros) foram registrados apenas pela primeira faixa etária; *libélula* figura de igual forma em ambas as faixas etárias; *bate-bunda*, *maria-fina* e *maria comprida* foram efetuadas somente pelo segundo grupo.

Ao verificar a produtividade das designações obtidas nas localidades investigadas, depreendemos que as variantes *helicóptero* (20%) e *lava-bunda* (25%) são as mais frequentes, contempladas em quatro pontos linguísticos, seguidas de *libélula* (20%) com ocorrência em três localidades; *pito* (10%) e *bate-bunda* (10%) em dois lugares, e, registradas uma vez, *besourinho d'água* (5%), *maria-comprida* (5%) e *maria-fina* (5%), culminando na seguinte carta de arealidade:

Os excertos, a seguir, mostram a fala dos informantes de nossa rede de pontos quando questionados sobre o(s) nome(s) para o inseto em questão:

Inf. MII: - Aquele *bisorrinho d'água* [bizoʁĩŋo'dagwɛ], né? Eu conheço por... é, aquele *bisorrinho d'água* que eis falam.

Inf. MII2: - É... tem vários nomes. Eu conheço muito esse bichinho aí, só que ele tem um nome... Dixa eu lembrar... ah, num lembro o nome [risos]. Retomada: Ela tem dois nomes. [...] acho que é maria o primeiro nome... *maria-fina* [marie'finɛ], *maria-comprida* [ma'ɾiekõ'pɾidɛ] [...]

Inf. HII3: - Então... esse aí eu conheço demais [risos] parece um *helicóptero* [eli'kõpitero], né? [...] E o que qui nós falava quando nós era muleque? A lá... *lava-a-bunda* [lavɐ'bũdɛ] nói falava. Ele tem um nome, né? Ele tem um nome, né, mais eu num sei o nome desse bicho, não. Mas é... nói tratava ele só de *lava-a-bunda* porque ficava lavando a... é ele ficava assim ó... mas ele tem um nome que eu num... ele tem um nome gozado, não sei explicar pru cê.

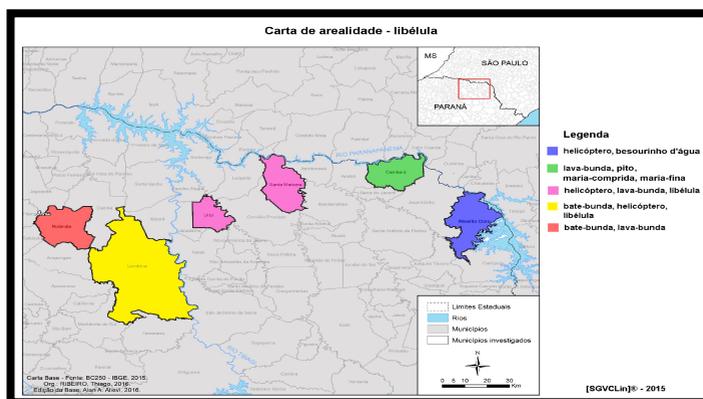
Inf. HII4: - É... *libélula* [li'bɛlulɐ]... libéla, né?

Inf. HI5: - Nói chama de *pito* [ˈpito] [risos] é, nói chama de *pito*... só *pito*.

Inf. HII6: - É o... uhum... eu sei o nome... eu conheço *bate-bunda* [batʃi'bũdɛ], porque vem e pah, bate a bundinha na água.. eu conheço por esse aí... quase a mesma coisa que do gafanhoto [...] ele é comprido o corpo dele, então se ele não avuá ele bate n'água e...

Constatamos que alguns informantes responderam de forma sucinta, geralmente aqueles que só conheciam o inseto por um nome. Entretanto, havia os que atribuíam ao inseto mais de uma designação, fazendo considerações a respeito. De se notar que, ao informarem a variante de costume, acabavam por rir, uma vez que os substantivos usados para compor os nomes causavam desconcerto diante do entrevistador.

Figura 3 – Carta de arealidade com variantes da questão 24 – libélula



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

5. Considerações finais

Do exame pormenorizado dos dados, obtidos por meio da questão 24 – *libélula*, resultado de análises diatópica, diasssexual e diageracional, apresentamos o seguinte retrato linguístico: a forma mais produtiva *lava-bunda*, foi registrada com maior frequência em Santa Mariana, na fala dos homens e entre os informantes do segundo grupo etário, de procedência mineira. Não obtivemos a resposta de oito informantes, que declararam não conhecer o inseto ou não se lembrar do nome, mesmo depois de insistirmos na questão.

Cumprimos, pois, os objetivos da pesquisa que eram, além de inventariar parte da variação lexical estabelecida com a vinda dos colonizadores, proceder à descrição e análise dos dados auferidos nos inquéritos *in loco*, propiciando aos estudiosos da língua portuguesa e aos pesquisadores de áreas afins aportes para o conhecimento da realidade linguística da região.

Os resultados indicaram que a língua pode representar “um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade” (TARALLO, 1999, p. 14).

Atendendo à questão inicial do trabalho, verificamos muitas possibilidades de nomes para o inseto e a pesquisa nos fez atentar para o fato de, apesar de nos referirmos ao inseto, atualmente, como *libélula*, verificamos que nossos familiares o designam como *pito d'água*.

Temos consciência de que a presente pesquisa consiste em uma singela contribuição para a descrição da língua portuguesa falada na região Norte do Estado do Paraná, colaborando para que se confirme a heterogeneidade linguística e que se registrem variantes antes que se percam no decurso do tempo, sob a atuação dos mais diversos fatores, como a escolarização, os contatos linguísticos, o acesso cada vez mais intenso às diversas mídias, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. de A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, V. de A. De onde vieram e por onde andam as nossas libélulas e jacintas? um estudo da etimologia popular com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB). In: *Estudos Linguísticos e Literários*, p. 291-309, vol. 41, 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/issue/viewIssue/1094/10>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

AGUILERA, V. de A.; ALTINO, F. C. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. In: *Alfa: Revista de Linguística* (São José do Rio Preto), vol. 56, nº 3, São Paulo, 2012. p. 871-889. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 set. 2014.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. In: *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 4, p. 81-96, dezembro de 1987. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/17049/11065>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

COELHO, I. L. *et al. Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: *El hombre y su lenguaje*. Trad. Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987, p. 79-117.

FERREIRA, A.B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. A vitalidade do cuitelo na Região Sul do Brasil: um estudo com base em dados de atlas rurais e urbanos de diferentes domínios. In: ALTINO, F. C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: ILARI, Rodolfo. *Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004.

PINTO, V. M. R.; RIBEIRO, T. L. Variedades linguísticas nos anúncios publicitários: análise e estudo. In: *Anais [do] I Congresso Internacional da Linguística Aplicada Crítica* [livro eletrônico]: linguagem, ação e transformação. REIS, S.; EGIDO, A. A. (Orgs.). Londrina: UEL, 2016. Disponível em:

<[http://www.uel.br/projetos/iccald/pages/arquivos/ANAIS/PRATICA\(S\)/VARIADAS%20LINGUISTICAS%20NOS%20ANUNCIOS%20PUBLICITARIO%20ANALISE%20E%20ESTUDO.pdf](http://www.uel.br/projetos/iccald/pages/arquivos/ANAIS/PRATICA(S)/VARIADAS%20LINGUISTICAS%20NOS%20ANUNCIOS%20PUBLICITARIO%20ANALISE%20E%20ESTUDO.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2017.

RODRIGUES, R. E. de S. B. *Para um glossário da fala popular rural paranaense*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000. Disponível em: <http://ufpa.br/alipa/teses_mestrado/londrina/capaat~1.pdf><http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/londrina/na/partei~1.pdf><http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/londrina/parte2~1.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2015.

ROMANO, V. P; AGUILERA, V. de A. A distribuição diatópica das variantes para tangerina: um estudo geo-sociolinguístico. In: ISQUERDO, A. N.; ALTINO, F. C.; AGUILERA, V.A. (Org.). *Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores*. Londrina: EDUEL, 2009. p.148-157.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

SAPIR, E. *A linguagem*: introdução ao estudo da fala. Tradução de J. Mattoso Câmara Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SILVA, D. da. *A vida íntima das palavras*: origens e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: Arx, 2002.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1999.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.). *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.